

Biblioteca e educação: conjecturas sobre a cultura da virtualidade

Rodrigo Silva Caxias de Sousa
Elisângela da Silva Rodrigues

RESUMO

Este artigo aborda questões relativas às relações entre biblioteca, educação e cultura atentando para a necessidade de que tanto educadores e bibliotecários questionem o discurso advindo da cultura da virtualidade, alertando se o potencial dessa nova cultura pode ser atribuído à agilização das formas de comunicação científica e tecnológica e sua aproximação ao discurso da globalização. Defende-se que a concretização dessa cultura da virtualidade depende da concatenação de esforços coletivos na tentativa de aproximação entre esses dois campos do saber: biblioteconomia e educação.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura da virtualidade. Educação. Biblioteconomia

Não é incomum que a comunidade científica se depare com um discurso homogeneizado acerca das positivas alternâncias advindas do uso das tecnologias da informação e da comunicação na educação e em espaços que até então eram vistos, tradicionalmente, como suporte às atividades educativas. Esse discurso necessita de uma reflexão sobre a atuação educativa inerente à biblioteca, o que é uma tarefa que requer do observador um olhar perspicaz em torno da complexidade dos problemas pedagógicos e de suas variações conjunturais, na qual o processo educativo é parte integrante das culturas humanas e a educação pode desenvolver-se tanto como mecanismo de transmissão cultural quanto de resistência cultural.

Mais do que nunca, teorizar sobre as relações existentes em uma sociedade que se diz estruturada a partir do conhecimento e da democratização de informações é um papel que tanto os profissionais da Educação quanto os da Ciência da Informação não podem se furtar, visto que essa problematização é uma das tantas formas de reação diante do cabresto cultural global.

As relações que o conceito de cultura comporta possibilitam que se façam algumas inferências sobre a pluralidade de significados que são atribuídos a essa categoria social. Para Adorno (2002, p. 100) “[...] a cultura enquanto algo que vai além do sistema de sobrevivência da espécie, contém um irrevogável impulso crítico contra o *status quo* e todas as suas instituições”. Atualmente, essa tarefa exige um cuidado redobrado, pois a cultura da virtualidade está envolvida estrategicamente com os ditames econômicos da sociedade global. Ainda assim, não podemos garantir que a cultura da virtualidade se traduza em uma cultura global ou da globalidade, pois “[...] não é nossa natureza humana que é universal, mas nossa capacidade de criar realidades culturais e, em seguida, agir em termos das mesmas” (MINTZ, 1988 apud WALLERSTEIN, 1999, p. 41).

As compreensões sobre a virtualidade da informação e do conhecimento através das novas mídias indicam que essa pretensa cultura pode ser a transição da cultura do capitalismo industrial para o capitalismo global, sendo um

empreendimento que ainda carrega consigo incertezas quanto à sua nefasta repercussão social, bem como sobre a sua potencialidade participativa na reestruturação das desigualdades sociais e na edificação de princípios educativos emancipatórios.

No que concerne a atual realidade, os interesses dominantes podem vir a ser traduções vinculadas a um imaginário de disseminação e livre acesso às informações, e ao uso das técnicas e tecnologias, que quando aplicados à *práxis* educativa e bibliotecária reduzem-nas a mero processo instrumental. Em certa medida, essa tradução tem-se alicerçado a partir da ação parcial quanto a uma crítica sistemática sobre as perigosas relações de poder e de dominação que essas novas tecnologias imprimem ao imaginário de educadores, educandos e bibliotecários. Essa relação de dominação contém a sutileza que caracteriza a ideologia do capitalismo global, na qual se evidenciam aprimoramentos dos argumentos que são transpostos objetiva e concretamente para as questões sociais, econômicas, culturais e políticas. Dessa forma, as transitórias relações estabelecidas entre educação e cultura se complexificam na medida em que essa mesma cultura da virtualidade tende a construir padrões de comportamento e pensamento nos indivíduos; tendo os educadores e bibliotecários um duplo e paradoxal papel: confirmar e divergir sobre essa mesma cultura e seus significados teórico-práticos em suas respectivas áreas de atuação.

Por outro lado, é possível inferir que esse processo de transição pretende corroborar as divergentes interpretações quanto ao fim da Modernidade e ao início da Pós-Modernidade, ou quanto ao incompleto projeto moderno que ainda estaria em andamento. Se hipoteticamente pode-se supor a existência de um processo de transição da modernidade à pós-modernidade, alicerçado na relativização desregrada de categorias científico-sociais, é possível também deduzir que esse possa ser um momento no qual é preciso uma maior atenção dos atores sociais; de multiplicação de atores sociais; de disseminação, de democratização, de mediação de informações e construção de conhecimentos

baseados na ética como mecanismo de resistência dessas mesmas relativizações.

A leitura que aqui se efetiva não se trata da negação dessas relativizações, mas, sobretudo, da aceitação de questões universais quanto aos princípios que ditam a vida e as formas de aprender e mediar informações entre os indivíduos. Se as alterações paradigmáticas ocorridas são produtos, fundamentalmente, das mudanças advindas das relações econômicas do capitalismo global, as mesmas refletem a própria alternância do modelo cultural, científico e econômico.

Embora, atualmente, as novas tecnologias da informação e comunicação sejam dotadas de dispositivos que podem catalisar o ensino-aprendizado e a dinâmica de estruturação, organização, uso, reuso e mediação de informações e conhecimento, não é explícito que existam indicativos de uma maior eficácia e transformação concreta das relações educativas estabelecidas através desses dispositivos.

Para que realmente os indivíduos e as sociedades possam compartilhar da idéia de desfrute de uma efetiva revolução cognitiva que possa estar em curso, as construções teóricas na educação e na biblioteconomia precisam ser pensadas e propostas de forma aberta às aproximações entre diferentes campos do saber. Essa abertura relaciona-se também com a forma como a sociedade vem se moldando, e esse formato tem na educação um componente primordial, visto que a abertura se traduz em atípicas formas de comunicação pedagógica, de interação e interatividade entre os indivíduos envolvidos no referido processo. Essa interatividade, segundo Silva (2001) é amalgamada a partir das esferas mercadológica, social e tecnológica. Para o autor, a interatividade é a disponibilização consciente de “um mais comunicacional” de modo expressivamente complexo, atentando para as interações existentes e promovendo mais e melhores interações, seja entre usuário e a biblioteca, seja nas relações presenciais ou virtuais entre seres humanos através dos dispositivos midiáticos que disponibilizam informações nas mais variadas for-

mas, ocorrendo uma maior e mais abrangente comunicação entre seus interlocutores.

Essa inusitada forma de comunicação, quando incorporada às atividades características da prática educativa, pode engendrar transformações nessa nova cultura, pois a comunicação entre os recursos virtuais, o aluno e a biblioteca são elementos que poderão imbricar saberes de diferentes áreas; podendo contribuir para uma melhor qualificação da educação, dos educadores e das dinâmicas educativas potencialmente identificáveis em bibliotecas. Esse novo horizonte remete à ações que redimensionem o papel da biblioteca enquanto espaço pedagógico. No entanto, concomitantemente, educadores e bibliotecários precisam atentar e discutir para as construções teóricas relativizadas e semiformativas que invadem e auxiliam a respaldar o subjacente discurso do capitalismo global e da pós-modernidade, na qual se atrelam ao imaginário social às tecnologias da informação e da comunicação.

Questionar e resistir diante desse fato é uma tarefa que cabe aos atores sociais envolvidos com a potencialidade da biblioteca como espaço pedagógico, tarefa essa que pode se efetuar através de teorizações sobre o grau de cientificidade característico da educação e seu vínculo com a seleção, produção e disseminação de informações e conhecimentos. Nesse sentido, a teoria crítica da educação tem um papel fundamental:

A teoria crítica se apresenta com função desmascaradora através da crítica imanente e do pensamento dialético. Com a crítica imanente, afirma-se a diferença e recusa-se identificar aparência e essência. Com a dialética, revelam-se os valores negados ou omitidos e a insuficiência dos sistemas acabados; delineia-se a história das categorias e a maneira pela qual elas são mediadas, percebendo-se suas limitações e intencionalidade. Desta forma, a dialética faz transparecer que o conhecimento humano é histórico e está mergulhado no contexto social e, ao mesmo tempo, é ativo na determinação da realidade. Essa consciência é fundamental no estudo das ciências e na prática pedagógica porque, ao invés de proclamar a neutralidade da ciência, as teorias redimensionadas [servem] como uma atividade transformadora e comprometidas politicamente com a mudança social em direção a um mundo melhor. (JANTSCH, 2000, p. 73)

Quando se trata da atividade profissional dos bibliotecários, é imprescindível que uma aproximação entre teoria e prática educacional seja estabelecida para que a conjuntura das sociedades se torne um elemento norteador de reflexão e evolução de novas formas de aprendizado e ações educativas em bibliotecas. Esse processo reflexivo deve levar em conta a complexa variabilidade do ato educativo e suas polideterminações, variáveis que são determinadas não apenas pela prática, mas, sobretudo, pela ausência de uma melhor compreensão acerca do uso e do desuso dos espaços tradicionais e midiáticos, observando as possíveis potencialidades inerentes à prática educativa em bibliotecas, onde:

[...] o círculo da docência não deveria fechar-se, como uma cidadela sitiada, sob o bombardeio da cultura de mídia, exterior à escola, ignorada e desdenhada pelo mundo intelectual. O conhecimento dessa cultura é necessário não só para compreender os processos multiformes de industrialização e supercomercialização culturais, mas também o quanto das aspirações e obsessões próprias do nosso "espírito de época" é traduzido e traído pela temática das mídias. (MORIN, 2001, p. 80)

Da necessidade de uma melhor problematização acerca da prática docente, em diferentes espaços educativos e do uso das novas mídias, é que se imbrica a biblioteca como local de apreensão e produção de conhecimentos através de suportes virtuais que sirvam como recurso de busca, mediação, recuperação de informações; etapas da *práxis* bibliotecária que estabelece tênue limiar entre pesquisa e aprendizado. De certa forma, não se trata de uma questão de educação informática ou da utilização da informática na educação, mas do uso de recursos eletrônicos que dependem de um domínio de conhecimentos informáticos que devem ser somados a saberes vinculados a biblioteconomia, a lógica a matemática, a arquitetura da informação, ao domínio de línguas estrangeiras e de conhecimentos epistemológicos.

Diante dessa suposta revolução cognitiva, originada a partir da cultura da virtualidade, que cria novos espaços do conhecimento, a biblioteca pode vir a

cumprir um papel pedagógico onde o ato educativo seja guiado através de uma relação comunicativa baseada na liberdade, no diálogo, na construção e no compartilhamento de conhecimentos. Quanto ao papel da biblioteca no compartilhamento de conhecimentos, significa dizer que o usuário possa ter autonomia suficiente para lidar com os recursos de informação hoje disponibilizados no ciberespaço ou em formatos eletrônicos, no sentido de que sua formação o capacite a ter um olhar dialético, hermenêutico, científico, sistematizador, crítico, que possibilite aos educadores e aos bibliotecários que nela venham a atuar, ter sua formação baseada a partir do entendimento acerca da construção sobre seu processo formativo e as construções teóricas coletivas com as quais compartilhem e divirjam as concepções de educação e de biblioteca.

Além disso, é necessário que a biblioteca deixe de ser espaço depositário de informações para se tornar um ambiente de dinamização e mediação das formas de aprender, de disseminar, multiplicar e catalisar demandas de informação a partir das necessidades dos seus usuários.

Adota-se aqui a idéia de que também é possível deduzir que essa aproximação deve levar em conta a incorporação da pesquisa como prática formadora, através da mediação midiática, ou, conforme Lévy (1998), de uma mediação digital, que seja vinculada a um processo de emancipação dos sujeitos. É preciso atentar para o fato de que, no que concerne a conjuntura atual, o leque de possibilidades que se abre através dos recursos de informações disponibilizados no ciberespaço aponta para a efetiva junção entre esses dois campos do saber. Entretanto, a concretização desse propósito ainda precisa ser efetivamente pensada, repensada e estabelecida.

Diante desse contexto, as tecnologias da informação e da comunicação possibilitam a partir da proliferação das redes de informação o desenvolvimento de novas formas de correlações entre indivíduos e sociedades, não apenas do ponto de vista do modo de produção de riquezas na sociedade, mas de

relações socioculturais, com alterações em níveis nunca vistos anteriormente, de quebra das relações de tempo e espaço, caracterizando o ciberespaço.

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999, p. 17)

Mais que gerar opções através dos recursos de informação, a cultura da virtualidade gera maneiras de o indivíduo se relacionar com o ciberespaço, que são absorvidas pela coletividade como representações profissionais e educativas diante da nova mídia. Ao contrário dessa concepção, Adorno (2000, p. 141) entende que “[...] a educação não é a modelagem de pessoas nem a mera transmissão de conhecimentos, mas a produção de uma consciência inerente ao funcionamento de uma democracia e de uma formação cultural que faça jus ao conceito e à busca da emancipação dos indivíduos”.

Baseado nessa lógica, os valores comercializados pelas mídias têm sua aceitação imposta; e estar de acordo com a mídia é ser sujeito desse novo tempo. Para se adaptar ao novo ambiente socioeducativo, os indivíduos, em princípio, precisam incorporar novos saberes, ainda que em muitos momentos a proposta existente por detrás desses saberes seja a de educar através de modelos passados.

Entretanto, como esse processo de virtualização forçosamente atinge todas as esferas da sociedade contemporânea, a análise quanto ao cerne dessas novas formas de relações sociais acaba sendo deturpada, levando a uma confusão nos papéis a serem desempenhados pelos atores sociais desse processo. O potencial dessa revolução pode ser atribuído à agilização das formas de comunicação científica e tecnológica disponibilizadas e às possibilidades de novas acepções acerca do processo de ensino-aprendizado, provocando mudanças quanto aos métodos didáticos tradicionais, à reordenação do papel dos bibliotecários, à interação entre indivíduos envolvidos no processo

educativo, e as alternativas quanto à pesquisa e mediação do conhecimento.

Se, no momento atual, pode-se pensar que as tecnologias da informação possibilitaram uma radical alteração nos meios e mecanismos de produção, tratamento, armazenamento, multiplicação e disseminação de informações, por conseqüência, pode-se inferir que as atividades e serviços bibliotecários foram alterados no âmbito das relações de trabalho, assim como também foram alteradas as características e aptidões dos profissionais bibliotecários; havendo, então, um processo imperativo de assimilação por parte desses profissionais no que tange ao uso das novas tecnologias da informação.

As facilidades que as tecnologias da informação e comunicação proporcionam quanto à mediação de informações causam uma alternância na essência da biblioteca como provedora de informações aos seus usuários. No entanto, é preciso que educadores, educandos e profissionais da informação se questionem sobre as reais conseqüências dos processos de interatividade que possam estar ocorrendo atualmente entre os recursos eletrônicos disponibilizados no ciberespaço e os usuários; reforçando as múltiplas caracterizações da sociedade informacional, e sugerindo que a cultura da virtualidade poderá se expandir na direção de como construir e reconstruir a educação, a biblioteconomia e a sociedade do tempo presente e de um tempo futuro.

Library and education: conjecture on the culture of virtuality

ABSTRACT

This article approaches relative questions to the relations between library, education and culture attempting against for the necessity of that as many educators and librarians question the speech happened of the culture of the potentiality, alerting if the potential of this new culture can be attributed to the new relations in the forms of scientific and technological communication and its approach to the speech of the globalization. One defends that the

concretion of this culture of the potentiality depends on the concatenation of collective efforts to the attempt to approach these two fields of knowing: library and education.

KEYWORDS: Culture of virtuality, Education. Library science

Biblioteca y educación: conjeturas sobre la cultura de la virtualidad

RESUMEN

Este artículo aborda cuestiones relativas a las relaciones entre biblioteca, educación y cultura, atentando para la necesidad de que tanto educadores como bibliotecarios cuestionen el discurso proveniente de la cultura de la virtualidad, alertando si el potencial de esa nueva cultura puede ser atribuido a la agilización de las formas de comunicación científica y tecnológica y su aproximación al discurso de la globalización. Se defiende que la concretización de esa cultura de la virtualidad depende de la concatenación de esfuerzos colectivos en la tentativa de acercamiento entre esos dos campos del saber: biblioteconomía y educación.

PALABRAS-CLAVE: Cultura de la virtualidad. Educación. Biblioteconomía.

Referências

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Teoria da cultura de massa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JANTSCH, Ari Paulo; ZAMBIASI, José Luiz. Por uma educação com razão: filosofia da educação na formação do educador. **Perspectiva**, v.18, n. 34, p. 69-86, jul./dez. 2000.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.

_____. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MINTZ, Sidney W. **The power of sweetness and the sweetness of power**. Deventer: Van Loghum Slaters, 1998.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

WALLERSTEIN, Immanuel. A cultura como campo de batalha ideológico do sistema mundial moderno. In: FEATHERSTONE, Mike. (Org.) **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

Rodrigo Silva Caxias de Sousa

*Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo
Professor-Substituto no Departamento de Ciências da
Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(FABICO-UFRGS)
E-mail: rodrigo_caxias@yahoo.com.br*

Elisângela da Silva Rodrigues

*Bibliotecária do Sistema de Bibliotecas da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em
Gestão Estratégica Empresarial pela Universidade de
Passo Fundo*